

# ASSOCIAÇÃO DOS INDICADORES DE RISCO CARDIOVASCULAR E MASSA GORDA EM MULHERES IDOSAS

Thamires Cristina Dantas Machado (Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade de Pernambuco – UPE)  
Marco Vinicius Acioli da Gama (Graduando do Curso de Educação Física da Universidade de Pernambuco – UPE)  
Eduarda Laís Lisboa Franco (Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade de Pernambuco – UPE)  
José Francisco da Silva (Doutorando pelo Curso de Educação Física da Universidade de Pernambuco – UPE)  
Carlos Augusto Mulatinho de Queiroz Pedroso (Doutor do curso de Educação Física da Escola Superior de Educação Física da  
Universidade de Pernambuco – UPE,  
Thiago Coelho de Aguiar Silva (Orientador)  
Email: [thamires.machado@upe.br](mailto:thamires.machado@upe.br), [thiago.silva@upe.br](mailto:thiago.silva@upe.br)

## 1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento envolve diversos fatores moleculares, celulares, sistêmicos, comportamentais, cognitivos e sociais (SANTOS, ANDRADE, BUENO, 2009). Para os idosos, a obesidade abdominal é um fator de risco para doenças cardiovasculares (CABRERA; ANDRADE; MESAS, 2012). Dessa forma, indicadores antropométricos tem sido utilizados como instrumentos para o rastreamento do risco cardiovascular (CARVALHO et al, 2015).



Dessa forma, objetivou-se analisar a associação dos indicadores de RCV e a massa gorda.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS



Estudo transversal com 150 idosas ( $\geq 60$  anos) praticantes de hidroginástica e Mat Pilates do programa de extensão MASTER-VIDA UPE.

A massa gorda foi mensurada pelo método de densitometria corporal através da técnica de absorptometria de feixe duplo de raios-x (DEXA).

Estatura e a circunferência abdominal foram mensuradas através do estadiômetro portátil e uma fita métrica inelástica. Em seguida foram calculadas a RCQ e a RCE.



A distribuição de frequência foi utilizada para descrever a prevalência do RCV e a correlação de Pearson foi utilizada para analisar a associação entre RCQ, RCE e Massa Gorda (MG).

As análises foram realizadas no pacote estatístico SPSS 20.0, adotando um nível de significância de  $p < 0,05$

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



Dentre as 150, apenas 115 idosas foram avaliadas seguindo os critérios de idade, realização de perímetria e análise do DEXA.

A prevalência do maior RCV foi 57.4% (66) para o RCQ e 87% (100) para o RCE.



Tabela 1: Prevalência de risco para Relação Cintura-Quadril e Relação Cintura-Estatura

	Maior risco n (%)	Menor risco n (%)	Total
RCQ	66 (57,4)	49 (42,6)	115 (100)
RCE	100 (87,0)	15 (13,0)	

RCQ = Relação Cintura-Quadril e RCE = Relação Cintura-Estatura.

Tabela 2: Correlação entre Relação Cintura-Quadril, Relação Cintura-Estatura e Massa Gorda.

VARIÁVEIS	MG	RCE	RCQ
MG	(-)		
RCE	0,738** (0,000)	(-)	
RCQ	0,221* (0,020)	0,656** (0,000)	(-)

RCQ = Relação Cintura-Quadril, RCE = Relação Cintura-Estatura e MG = Massa Gorda.

\*\* A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

\* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Associações positivas entre RCE e MG ( $\rho = 0,738$ ;  $p < 0,01$ ) e entre RCQ e MG ( $\rho = 0,221$ ;  $p = 0,02$ ).

## 4. CONCLUSÃO

Esses resultados corroboram que quanto maior a massa gorda, maior o Risco Cardiovascular para as alunas. Facilitando assim o rastreamento quanto aos riscos que podem acometer as idosas.

## 5. REFERÊNCIAS

CABRERA, Marcos Aparecido Sarria; DE ANDRADE, Selma Maffei; MESAS, Arthur Eumann. A prospective study of risk factors for cardiovascular events among the elderly. **Clinical interventions in aging**, p. 463-468, 2012.

CARVALHO, Carolina Abreu de et al. Associação entre fatores de risco cardiovascular e indicadores antropométricos de obesidade em universitários de São Luís, Maranhão, Brasil. **Ciência & saúde coletiva**, v. 20, p. 479-490, 2015.

Krugh M, Langaker MD. Dual Energy X-ray Absorptiometry. In: StatPearls. StatPearls Publishing, Treasure Island (FL); 2022. PMID: 30085584.

SANTOS, Flávia Heloísa dos; ANDRADE, Vivian Maria; BUENO, Orlando Francisco Amodeo. Envelhecimento: um processo multifatorial. **Psicologia em estudo**, v. 14, p. 3-10, 2009.